

Ficando com o Problema – Entrevista com Donna Haraway

Rick Dolphijn¹

Tradutora: Caroline Spitzner²

Revisor Técnico: Scott Correll Head³

¹Universitair hoofddocent, Haia, Holanda

²Universidade de Utrecht, Utrecht, Holanda

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Resumo

Ficando com o Problema (*Staying with the Trouble*) foi traduzida a partir da versão impressa da entrevista conduzida ao vivo pelo Skype com Donna Haraway por Rick Dolphijn, realizada na ocasião do lançamento oficial da exposição de arte *Yes Naturally* (Haia, Holanda) durante os dias de pré-visualização profissional da *documenta 13* (Kassel, Alemanha), 7 de junho de 2012. Foi publicada originalmente em Dolphijn e Haraway (2013). Na entrevista, é discutida a influência da teoria de Haraway no mundo da arte contemporânea, particularmente como seu trabalho inspirou e esteve em diálogo com muitos dos artistas que participaram das exposições *Yes Naturally* (2012) e *documenta 13* (2012). Ao mesmo tempo, são traçadas conexões com as questões que permeiam a teoria de Haraway há muitos anos, como relações multiespécies, materialidades e naturezasculturas, e o trabalho de artistas contemporâneos que procuram engajar-se com temas e conceitos afins em suas criações artísticas.

Palavras-chave: Donna Haraway. Arte. Exposição. Relações Multiespécies. Materialidades.

Staying with the Trouble – Interview with Donna Haraway

Abstract

Staying with the Trouble was translated from the printed version of the live Skype interview with Donna Haraway by Rick Dolphijn, held on the occasion of the official launch of the art exhibition *Yes Naturally* (The Hague, Netherlands) during the *documenta 13* professional preview days (Kassel, Germany), June 7, 2012. Originally published in Dolphijn and Haraway (2013). In this interview, the influence of Haraway's theory on the world of contemporary art is discussed, particularly how her work inspired and was in close dialogue with many of the artists who participated in the exhibitions *Yes Naturally* (2012) and *documenta 13* (2012). At the same time, connections are drawn with issues that have permeated Haraway's theory for many years, such as multispecies relations, materialities and naturecultures, and the work of contemporary artists who seek to engage with similar themes and concepts in their own artistic creations.

Keywords: Donna Haraway. Art. Exhibition. Multispecies Relations. Materialities.

Recebido em: 24/08/2023

Aceito em: 1º/09/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

De modo geral, nesta tradução, buscamos seguir o modo mais “coloquial” e lúdico com o qual a autora tende a compor seus conceitos, tanto na entrevista como nas suas próprias escritas. Nota-se, nesse sentindo, a escolha por traduzir aqui *Staying with the Trouble* como Ficando com o Problema. Procuramos assim seguir o modo com o qual a autora costuma compor conceitos ao mesmo tempo precisos e marcados por uma qualidade brincalhona e propositalmente “in-formal”.

Agradecemos a Ine Gevers e sua fundação Niet Normaal e ao setor editorial da Nai010 Publishers, Rotterdam, pela autorização para a publicação desta tradução. Agradecemos especialmente aos autores Rick Dolphijn e Donna Haraway pela generosa permissão para a realização desta tradução.

Rick Dolphijn: as intra-ações entre arte, ciência e vida estão no topo de sua agenda de pesquisa há mais de 30 anos (HARAWAY, 1988; 20023; 2008), e suas ideias sobre esses assuntos têm sido a principal fonte de inspiração para muitos artistas envolvidos em *Yes Naturally* e *documenta 13*, bem como aos processos curatoriais dessas exposições de arte. Seus esforços para romper oposições modernistas, como natureza-cultura, sujeito-objeto, tecnologia e vida, e o papel principal que a arte contemporânea desempenha na abertura dessas oposições continuam a nos intrigar e até mesmo explicar o tipo de ativismo em ação nas obras de arte apresentadas, bem como nas exposições como um todo. A diretora artística da *documenta 13*, Carolyn Christov-Bakargiev, confirmou essa estética ativista quando afirmou: “A *documenta* não deveria ser uma exposição como era antes, mas um estado de espírito” (BECKER, 2012). Gostaria de começar esta entrevista focando nesse “estado de espírito” que atravessa a arte contemporânea, a tecnologia, a natureza e o pensamento ecológico, com a forma como você analisou isso em sua escrita acadêmica. Dois exemplos vêm imediatamente à mente. Em primeiro lugar, seu engajamento com as esculturas de Patricia Piccinini (pense em *The Long Awaited 2008-2009*) e, em segundo lugar, *Cat’s Cradle/String Theory*, de Baila Goldenthal (2008). Qual é esse “estado de espírito” que essas obras de arte evocam?

Donna Haraway: as “figuras companheiras” de Patricia Piccinini me chamaram a atenção em relação às crises ambientais que ameaçam as espécies na Austrália. Fiquei intrigada porque seus fabulosos protetores são espécies alienígenas bastante assustadoras. Elas não eram totalmente reconfortantes; elas também

eram provocativas e talvez um pouco irônicas. Ambas eram sérias e difíceis de identificar. Elas me impressionaram de qualquer maneira e acho que a maioria das pessoas viu aquelas instalações como figuras incríveis, em tamanho real, alienígenas e com cabelos de silicone que foram de alguma forma designadas e funcionam materialmente como protetores das espécies da Terra. Elas nos convidam a repensar o que pode significar ser companheiro, acompanhar, proteger, estar em perigo, o que é viver, não apenas o que é vida, mas o que é vulnerabilidade, viver e morrer, correr certos tipos de riscos para estar em companhia ou ser para alguns modos de vida e não para outros. Portanto, havia uma qualidade interrogativa que exigia um engajamento que você não pode saber com antecedência. Você não sabe o que fazer antes de se engajar e correr riscos. E penso nas figuras de barbante de Baila Goldenthal; as maneiras como ela faz aqueles trabalhos realmente fascinantes em *Cat's Cradle* novamente como provocações, não apenas conectando, mas como conectar; como retransmitir padrões. Eu estava pensando em figuras de barbante ou jogos de cama de gato como figuras engajadas na mundificação (*worlding*) terráquea. Isabelle Stengers escreveu sobre minha abordagem da cama do gato e da responsabilidade¹ de retransmitir padrões no contexto de sua própria leitura de Guattari e depois sua leitura de mim, e então minha leitura dela. Stengers (2011) diz:

Para fazer figuras de barbante, você tem que passar de alguma forma padrões; correr o risco de soltar, correr o risco de suas mãos serem passivas para receber um padrão. Bem como para passar algum tipo de nó ou linha que não existia antes.

Ambos herdam padrões, como nas figuras de barbante, mas inventam, transmitem e assumem o risco tanto da paixão quanto da ação, de suportar ou sofrer tanto quanto de fazer. Essa é uma maneira de se engajar em um mundo que eu acho que faz parte da arte, da filosofia, da biologia ou realmente parte de ser um terráqueo. Isso é ação e paixão. Não apenas vivendo, mas vivendo e morrendo. Devir-com, compondo e decompondo.

R.D.: pelo que entendi, engajar-se em um mundo necessariamente vem com “ser-aberto-por” espécies companheiras ou padrões de barbante, nesse caso. É o momento de se deixar ser aberto por essas figuras que é crucial para você?

D.H.: sim. E espécie companheira não é sinônimo do bem ou de harmonia. Não é sinônimo de nada. É um interrogativo; é uma provocação à responsabilidade e mais ainda à responsabilidade. Estar em risco junto com. Nesse sentido, afirmar a relacionalidade das espécies companheiras não é uma postura tradicionalmente humana, embora envolva capacidades humanas. Acho que a relacionalidade das espécies companheiras não é anti-humana, mas não é convencionalmente humanista no sentido de seres humanos como fonte de resposta ou valor.

¹ **N.T.:** Nota-se palavra usada em inglês, response-ability (composta de resposta e habilidade), tem sido traduzida de variados modos em português. Escolhemos aqui uma tradução hifenizada, responsabilidade, mantendo-a próxima da original e suas implicações conceituais.

R.D.: em uma entrevista que Natalie Jeremijenko, uma das artistas envolvidas em *Yes Naturally*, concedeu ao *Cross Species Adventure Club* (NICOLA, 2020), ela mais uma vez nos mostrou como ela estava interessada pela arte e pela verdade; ou seja, que a ciência não tivesse o monopólio da verdade. Ao longo de sua carreira, você nos mostrou de várias maneiras os limites da ciência e a impossibilidade da objetividade. E, nesse sentido, acho que isso se relaciona bem como, por exemplo, o trabalho de Piccinini e de Goldenthal abrem isso. Em *Yes Naturally*, artistas como Angelo Vermeulen e Adam Zaretsky parecem estar praticando um tipo de estratégia similar. O repensar estético desses artistas de conceitos como natureza, tecnologia e vida questiona seriamente a forma como esses conceitos têm sido amplamente aceitos nos escritos científicos. Eu me pergunto, como você espera envolver os cientistas nisso? Como eles fazem parte do que a arte pode fazer?

D.H.: em primeiro lugar, gostaria de dizer algo que sempre foi importante para mim sobre dizer a verdade e sobre a objetividade. Desde o início, fui apaixonada pela ciência e não contra ela. E vejo a objetividade não como uma posição epistemológica, mas como uma conquista preciosa, frágil e parcial com ganchos para engajamento apaixonado, na ciência e também em outras modalidades. Não é que eu esteja de alguma forma argumentando contra a objetividade como contra a Objetividade, contra um O maiúsculo. Entende o que quero dizer? Há uma espécie de fetichização da verdade científica que atua para isolá-la do engajamento, mesmo entre as ciências e entre os cientistas. Em vez disso, a abertura de locais de ligação² é o que meu trabalho pretende, e isso inclui os locais de ligação entre organismos, artistas, biólogos, físicos, climatologistas, políticos, caminhantes; pessoas que querem um lugar para caminhar que não seja um lugar arruinado e destruído. Um papagaio pode se mudar para a cidade de Colônia (Alemanha) (pense em *Neobiota* de Tue Greenfort, 2011); haverá uma recepção civil? O que é o realojamento para os permanentemente fora de lugar? Os mundificamentos (*worldings*) da vida selvagem urbana nos dão muitos lugares para viver e morrer em response-hábeis (*response-able*) relações de espécies companheiras que não são garantidas por motivos éticos, ontológicos ou epistemológicos. Ou será que as “criaturas do império”, como cavalos no sudoeste dos EUA que os conquistadores espanhóis trouxeram, de alguma forma terão um lugar não apenas no imaginário nacional dos EUA, mas terão um lugar contínuo para viver e morrer nos passados, presentes e futuros que importam. Isso não pode ser reduzido a algum tipo de doutrina de pureza, de quem se originou onde e quem pertence a esse lugar e a nenhum outro. E, ainda assim, nem tudo pertence a todos os lugares. Então, como podemos contar uma verdade eticamente responsável uns com os outros, inclusive com outros organismos, com entidades não vivas também, com paisagens, criaturas e tecnologias? Como é dizer a verdade no mundo pelo qual somos responsáveis por e respons-hábeis (*response-able*) com o agora?

² Traduzido do original em inglês, *attachment sites*, termo utilizado também na biologia.

E penso em artistas como Natalie Jeremijenko e seus cães robóticos e projetos de detecção de toxicidade urbana que, neste caso particular, fazem uso de organismos totalmente sintéticos. Ela usa componentes modificados disponíveis no mercado para criar criaturas caninas que caminham com crianças urbanas em ambientes poluídos para se envolver em conversas cívicas e, de alguma forma, fazer a diferença sobre quem vive e morre bem naquela paisagem: micróbios, vermes, guaxinins, talvez também cães de rua e pessoas diferenciadas por raça, classe, sexo, idade e muito mais. Os cães robóticos se tornam jogadores reais ao provocar e continuar uma conversa em andamento. Portanto, naturezasculturas de pessoas/seres vivos e não-vivos estão engajados com e incluem uma variedade de jogadores surpreendentes. Os jogadores são outros organismos reais, organismos sintéticos, solos, rochas, pessoas, conselhos municipais e muito mais. Natalie Jeremijenko também é engenheira. Ela dificilmente é alguém que é contra a ciência – muito pelo contrário. Natalie é artista, designer e engenheira. Assim também a Beatriz da Costa e outras pessoas que me são queridas, que se engajam com todo o seu ser em projetos arriscados de propor naturezasculturas onde está em jogo o que é estar nesta Terra e neste lugar. O que é ser está em jogo. Como devir-com está em jogo. E isso importa; importa quem faz o quê. O cinismo não é uma posição aceitável diante das crises em que estamos, mas ficar com o problema é. E isso envolve estética, cognitiva, literária, técnica, sensual - tudo com profundidade de pensamento, sensação, sentimento, comportamento, atuação.

E esses são artistas que não fazem apenas performances e exposições; eles se arriscam com e em materialidades e habilidades com as quais talvez não tenham se engajado antes. Eles estão perfeitamente dispostos a tentar algo que não funciona. Esses artistas são engenhosos. Talvez você conheça esse interessante artista performer e monólogo que se autodenomina o Reverendo Billy. Ele é um pregador surpreendente para o meu povo, o povo de uma Terra finita e mortal. Não posso chamar isso de abordagem secular, assim como não posso chamá-la de religiosa; é, em vez disso, reacomodar e redirecionar um aparato poderoso para devir-com no envolvimento com o bem-estar ecológico e o anticonsumismo. Ele reaproveita o aparato de pregação de, digamos, Jimmy Swaggart e os cristãos evangélicos de direita. Ele “nos convence do Espírito Santo” no que ele chama de Igreja de Pare de Comprar (*Stop Shopping*), você sabe, ou uma espécie de “*Terraleluia*” (*Earthelujah*), ou “*Alejúbilo*” (*Hallelujah*). Ele tem todas as jogadas.

R.D.: sim, é fundamental entender que todos esses artistas sabem muito bem do que estão falando, quer dizer, praticamente todos eles têm uma simpatia muito forte pela ciência. Devemos dizer que eles estão em busca das margens da ciência, como diria Derrida, das verdades que a ciência é “incapaz” de dizer?

D.H.: não exatamente. Na verdade, eles procuram zonas de contato, não apenas margens. Não estou tão feliz hoje em dia com a metáfora centro/margem.

Acho que as espacialidades são mais interessantes do que isso. E acho que esses artistas engajam todos os tipos de espacialidades, incluindo trabalhos de centro/margem, mas eles fazem suas próprias zonas de conflito/contato acontecerem em lugares esperados e inesperados. E sua capacidade e disposição de propor tropos e metáforas que são mais inventivos do que centro/margem é parte da razão pela qual eles são tão preciosos para nós. Que eles não estão convencidos pelos tropos convencionais, e acho que muitos de nossos filósofos são muito convencionais em seus kits de ferramentas – eu me incluo nisso. Temos a habilidade de ser mais corajosos em nossos experimentos cognitivos; em nossas línguas; e os artistas costumam ser melhores nisso do que a maioria dos filósofos. No entanto, estes não são empreendimentos exclusivos. Penso em pessoas como Natalie Jeremijenko, Beatriz da Costa, Mark Dion e muitos outros envolvidos em uma espécie de fabulação especulativa: *un expérience* – tanto no sentido científico quanto no artístico.

R.D.: experimento e experiência.

D.H.: sim, *expérience*, do francês, que também é sempre experiência e experimentar. Sou dos EUA, onde uma proporção séria de meus concidadãos pensa que o aquecimento global é uma conspiração da esquerda, pensa que a evolução orgânica é forma opcional de se relacionar com o mundo e acha que o Design Inteligente é uma coisa razoável para ensinar às crianças do ensino médio. Eu vivo nos EUA onde a anti-ciência, o anti-intelectualismo é uma ameaça gigantesca. Portanto, pessoas como eu não ousam ser lidas como anti-científicas sem fazer o jogo das forças mais opressivas e repressivas em ação neste país tão perigoso.

R.D.: esta é uma parte crucial do argumento. Talvez devêssemos prestar mais atenção em como uma ‘perspectiva crítica’, tanto em seus escritos quanto nas obras de arte aqui mencionadas, se transforma em uma “perspectiva afirmativa” e as consequências que isso tem sobre como a ciência e a arte lidam com a ‘vida’. Fazer uma leitura mais inclusiva, ou melhor, mais ecológica da vida nos leva a uma grande mudança política: o afastamento do antropocentrismo. Em *When Species Meet*³ você já pratica esse ativismo político afirmativo quando conclui:

Os porcos têm tanto direito à vida quanto um cachorro. E os humanos? Se a complexidade social, emocional e cognitiva é o critério, Derrida acertou. Não há linha divisória racional ou natural que estabeleça as relações de vida e morte entre animais humanos e não humanos. Tais linhas são álibis se forem imaginadas para resolver a questão ‘tecnicamente’.
(HARAWAY, 2008)

Em *Situated Knowledges*⁴, ao falar do objeto como um agente, você transformou isso em uma afirmação muito geral, permitindo-nos começar a pensar a partir de todas as individualidades possíveis. Portanto, não estamos falando agora

3 **N.T.:** Publicado em português como “Quando as Espécies se Encontram” (HARAWAY, 2022).

4 **N.T.:** Publicado em português como “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (HARAWAY, 1995).

apenas de humanos ou animais, mas de todos os objetos possíveis. Em *Situated Knowledges*, você explica isso com o maior cuidado: “Os saberes localizados (*Situated Knowledges*) requerem que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso” (HARAWAY, 1988). Nesse sentido, estou muito interessado em sua leitura de *Neobiota* de Tue Greenfort, que também está em busca de estilos radicalmente novos de ‘vida’. Estou interessado em saber o que esses novos espaços têm a nos oferecer em termos de repensar o conceito de vida.

D.H.: em primeiro lugar, há algo que preciso enfatizar, não no contexto de *Neobiota*, que é muito sensível nesse assunto também, mas no contexto do discurso e da política dos Estados Unidos, especialmente. Devido à maneira como a “vida” pode ser tão facilmente fetichizada, o que eu quero que “vida” signifique é viver e morrer, vulnerável como uma “criatura terráquea”. Um ser terráqueo. Estar na Terra. Sempre “devir-com”, compondo e decompondo, em risco e em processo uns com os outros, onde morrer é tão importante quanto viver. E a vida importa, mas não com V maiúsculo: “Vida”. Não sou uma “pensadora pró-vida” em nenhum assunto terráqueo. Eu estabeleço tais condições por causa da língua dos EUA, por causa da cooptação da linguagem-da-vida por uma formação evangélica de direita, que é particularmente forte aqui, mas não só aqui. Eu realmente preciso enfatizar que a vida para mim sempre significa viver e morrer, matar e nutrir, estar em risco para e com os outros de uma forma não inocente. Sempre não inocente. E que tanto o abiótico quanto o biótico estão engajados e não engajados em alguma grande complexidade de coro-de-aleluia, mas sendo para alguns modos de viver e morrer e não para outros. Sinto que a questão ética é como a velha questão anarquista: o que deve ser feito? O que é viver e morrer em tempos de extermínios, extinções e genocídios? Porque é aí que me sinto localizada e é aí onde estão em jogo saberes localizados.

Eu penso na *Neobiota* de Greenfort como fazendo perguntas bastante afiliadas a isso. Eu sinto uma relação fraternal quando vejo as transmissões de vídeo e áudio dos papagaios onde eles talvez não devessem ter aparecido, mas ainda assim florescem. Papagaios em uma cidade, que se tornam espécies protegidas e que são migrantes em uma cidade onde a migração dificilmente é algo natural. Em um país onde talvez os afro-alemães não tem conseguido tornar-se cidadãos tão rapidamente quanto os papagaios. Claro que não tenho certeza, mas acho que sou a favor dos papagaios. Eles também parecem os papagaios de Telegraph Hill, em San Francisco. Acho que as obras de arte de Greenfort são afirmativas e experimentais em si mesmas, embora não fetichizem nem as relações de espécies, nem as histórias, nem as cidades. Quem pertence à cidade está sempre em jogo. Espécies companheiras urbanas são esperadas e inesperadas. Em muitas cidades, os falcões peregrinos se mudaram para arranha-céus e fazem a vida. As associações esperadas e inesperadas na vida urbana precisam de atenção. E eu penso no trabalho de Greenfort como focando em algum tipo de parentesco e ao mesmo tempo colocando em primeiro plano a falta de

familiaridade, uma espécie de estar e questionar essa parceria com, neste caso os papagaios, que provocam tanto amor quanto desconforto. Estamos em jogo uns com os outros, humanos e não humanos, nessas questões de pertencimento que nunca são resolutas. Essas questões surgiram em uma palestra a que participei ontem sobre macacos na Bali contemporânea e particularmente em ambientes urbanos. A palestra examinou as maneiras pelas quais as indústrias turísticas estão envolvidas na expansão de certos tipos de florestas e templos. Templos em Bali geram várias centenas de milhares de dólares por ano para a comunidade do templo. A palestra também examina os termos em que esses macacos de cauda longa podem ou não se expandir para uma área de floresta ou como/quem pertence onde no que é verdadeiramente um conjunto global de relações ecológicas, econômicas e biológicas. Estas são relações ecológicas, históricas e evolutivas de muito longo prazo, que no caso de Bali envolvem vários milhares de anos de mudanças nos padrões de interação macaco-macaco e humano-macaco. O que está acontecendo agora faz parte dessa história e é também bem diferente, por exemplo, com novos patógenos trazidos pelos turistas que se tornam parte da ecologia para todos, humanos e não humanos. As relações multiespécies que artistas como Greenfort colocam em primeiro plano, eu acho, são onde nosso melhor pensar e viver estão em jogo. Chamo isso de naturezasculturas só porque não sei mais o que dizer, é um substituto.

Referências

- BECKER, Wolfgang. **Documenta 13**: a preview (2012). a preview (2012). 2012. Disponível em: <http://www.arterynyc.com/2012/03/documenta-13-a-preview>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- DOLPHIJN, Rick; HARAWAY, Donna. Staying with the Trouble: interview with Donna Haraway. In: GEVERS, Ine (ed.). **Yes Naturally**: how art saves the world. Rotterdam: Nai010 Publishers, 2013. p. 108-115.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 7-41, 1995.
- HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 575, 1988. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/3178066>.
- HARAWAY, Donna. **Quando as Espécies se Encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- HARAWAY, Donna. **The Companion Species Manifesto**: Dogs, People, and Significant Otherness. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, Donna Jeanne. **When species meet**. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2008.
- NICOLA. **Cross-Species Dining**: An Interview with Natalie Jeremijenko and Mihir Desai. 2020. Disponível em: <http://www.ediblegeography.com/cross-species-dining-an-interview-with-natalie-jeremijenko-and->. Acesso em: 20 ago. 2012.
- STENGERS, Isabelle. Relaying a War Machine? In: ALLIEZ, Eric; GOFFEY, Andrew (ed.). **The Guattari Effect**. Londres: Continuum, 2011. p. 134-155.

Rick Dolphijn

É professor associado de Estudos de Mídia e Cultura, com interesse em pesquisa transdisciplinar em geral. Publicou amplamente sobre filosofia continental (Gilles Deleuze e Michel Serres) e artes contemporâneas. Ele estuda pós-humanismo, novo materialismo, cultura material (estudos alimentares) e ecologia.

Endereço profissional: Muntstraat 2-2A, Room T1.12, 3512 EV Utrecht, Netherlands.

E-mail: r.dolphijn@uu.nl

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2145-5579>

Caroline Spitzner (Tradutora)

Mestranda no Programa de Antropologia Cultural: Transformação Sociocultural na Universidade de Utrecht (Holanda). A sua área de interesse reside na investigação de exposições de arte contemporânea, com ênfase em questões de (de)colonialidades, relações mais-que-humanas e experiências multisensoriais. Trabalha também como curadora assistente na fundação de arte Niet Normaal (Holanda), que foca na criação de exposições de grande escala sobre questões de tecnologia, poder e identidade.

Endereço profissional: Heidelberglaan 8, 3584 CS Utrecht, Netherlands.

E-mail: c.s.spitzner@students.uu.nl

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3976-086X>

Scott Correll Head (Revisor técnico)

Graduando em Filosofia, Duke University (1989). Doutorado em Antropologia, University of Texas at Austin (2004). Professor de Antropologia na UFSC desde 2010. Interesses: Antropologia e performance; literatura, ficção científica, gestos, diáspora africana, capoeira angola.

Endereço profissional: Departamento de Antropologia, UFSC, R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, n. 240-432, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900

E-mail: head.sc@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0534-3753>

Como referenciar este artigo:

DOLPHIJN, Rick; SPITZNER, Caroline; HEAD, Scott Correll. Ficando com o Problema – Entrevista com Donna Haraway. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 3, e96024, p. 107-115, setembro de 2023.